

BATALHA DE LA LYS – O INFERNO DA 2.ª DIVISÃO PORTUGUESA¹

Abílio Pires Lousada

1. A BATALHA DA CONTROVÉRSIA

La Lys é uma das mais icónicas e controversas batalhas da História Política e Militar Portuguesa, momento culminante da participação no teatro europeu da Grande Guerra. A conduta operacional do Corpo Expedicionário Português (CEP) na Flandres deixou claro que quando a intenção política de um Estado não é convergente com a sua capacidade estratégica os resultados podem ser (como foram) politicamente humilhantes e militarmente pouco dignificantes. Em boa verdade, a tropa do CEP, além da dotação individual de armamento e munições, equipamento e rações, carregou para o campo de batalha todas as contradições político-sociais e deficiências político-militares do País; sendo depois ignorados pelos gabinetes governamentais de Lisboa e boa parte da oficialidade no próprio ambiente operacional. O resultado foi mais de 20% de baixas em pouco mais de um ano na frente de combate.

O contexto releva, a montante, o dilema político da neutralidade/beligerância e os constrangimentos militares relativos à intervenção armada. Relativamente ao primeiro ponto, o Governo português decidiu-se pela beligerância no teatro de operações da Europa Ocidental para vincar a supremacia do Partido Democrático no espectro político-partidário «doméstico», por uma questão de prestígio externo republicano e porque se intuiu que seria na guerra europeia que se definiria a suserania territorial em África. Quanto aos constrangimentos de índole militar assentaram na inexistência de um aparelho militar consentâneo com a tipologia de guerra em curso, na relutância do corpo de oficiais do Exército em combater noutra frente que não a africana, nas dificuldades de recrutamento e mobilização de soldados, atendendo que a Nação era contrária à participação na guerra europeia, e na falta de meios marítimos para transporte de tropas para França, pois com a Espanha neutral tornou-se inviável atravessar a Península Ibérica.

Assim, depois de quase dois anos a alterar provocações militares com a Alemanha em África, a porfiar a paciência britânica, que pretendia meramente o concurso de serviços auxiliares para o esforço de guerra europeia e facilidades operacionais nos territórios portugueses na África Austral, a estimular a complacência francesa na Europa, que solicitou apenas apoio em material de artilharia, os belicistas da República, com Bernardino Machado,

¹ Adaptado de *Portugal na 1.ª Guerra Mundial. Uma História Militar Concisa*, Coordenação de Abílio Pires Lousada e Jorge Silva Rocha, Lisboa, CPHM, 2018.

Afonso Costa, Norton de Matos e João Chagas à cabeça, colocaram Portugal na rota da guerra europeia, a 9 de março de 1916, ao abrigo da aliança Luso-Britânica. Quanto à ausência de políticas coordenadas a nível nacional, solvência financeira dos cofres públicos, larvar desmotivação social e contrariedade militar, quartéis esvaziados e falta de equipamentos e armamento, eram problemas que ficariam para mais tarde. Por agora, o Diário do Governo podia proclamar “*Pela primeira vez, de há cem anos a esta parte, a bandeira de Portugal flutuará, de novo, nos campos de batalha da Europa*”.

Sob o comando do general Norton de Matos, Portugal aprontou em Tancos, entre abril e julho de 1916, a Divisão Auxiliar com cerca 20.000 soldados, que treinou na designada «cidadela de pau e lona» e fez desfilar em Montalvo, perante os altos dignitários do País. Chamaram-lhe o «milagre de Tancos». No ano seguinte, contrariando o estipulado com o Reino Unido (RU), organizou-se outra divisão, que resultou num Corpo de Exército, com mais de 55.000 homens, que foi projetado para a frente da Flandres e combateu enquadrado pelo I Exército britânico. De igual modo, levantou-se um Corpo de Artilharia Pesado Independente (CAPI), colocado junto das forças francesas. Portanto, a pressão portuguesa junto do governo de S. Majestade britânica vingou. Inclusivamente pôde definir o teatro de operações flamengo, se tivermos em conta que os Aliados equacionaram a canalização do contingente português, enquanto força de moldagem, para a região balcânica, nomeadamente Salónica, no seguimento da retirada dos Dardanelos a partir de outubro de 1915, depois do fracasso da campanha de Galipoli contra os turcos.

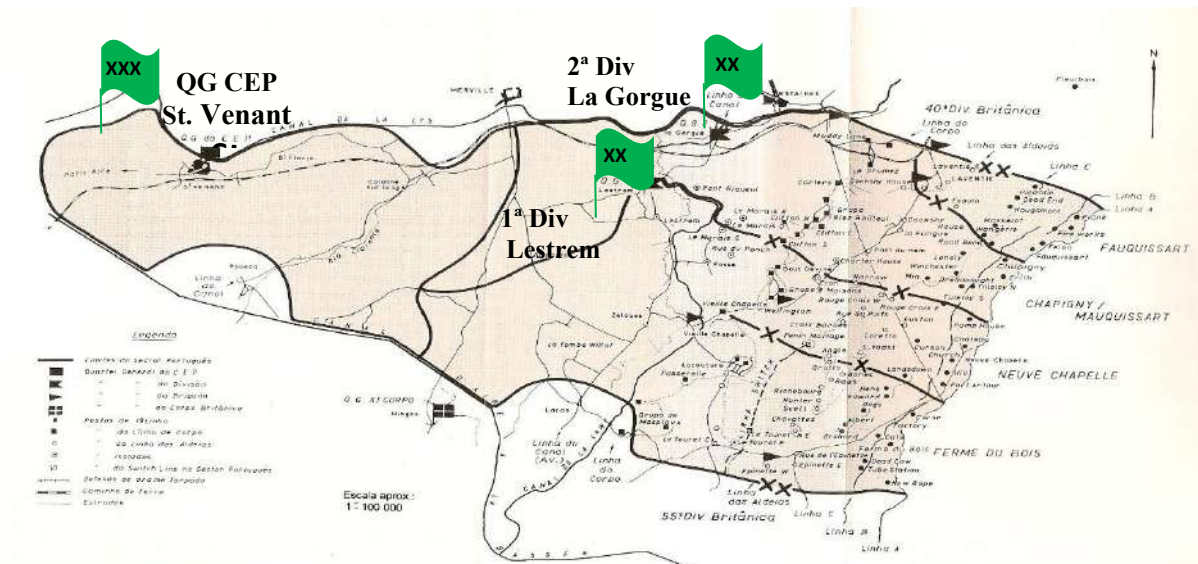
O aprontamento em Tancos foi feito à portuguesa, desfasado da realidade da guerra de trincheiras, com extenuantes marchas de infantaria, gritantes cargas de cavalaria, os abrigos trabalhados eram exíguos e o tiro foi feito com armas não utilizadas no campo de batalha. Contudo, a guerra foi travada de acordo com os padrões técnico-militares britânicos, em solo francês (feito de crateras, lama e canais de irrigação), sob um clima belga (húmido e frio) e contra a máquina de guerra do Kaiser.

O ambiente tinha todos os ingredientes para correr mal. Os problemas começaram antes do embarque para França. Em junho de 1916, praças e sargentos do Regimento de Infantaria 21, da Covilhã, insubordinaram-se contra a mobilização para Tancos, acabando a maioria por ser compulsivamente enviada para África. Em dezembro, Machado Santos, herói proscrito do 5 de outubro, amotinou o Regimento de Infantaria 15, de Tomar, por recusa de embarque para a Flandres. Depois, em janeiro do ano seguinte, nos Regimentos de Infantaria 7, de Leiria, e 34, de Santarém, ocorreram também resistências com igual motivação. Os embarques, que se iniciaram a partir de janeiro de 1917, sofreram atrasos, houve focos de indisciplina a bordo e

péssimo acomodamento das tropas. Outro problema foram as embarcações disponíveis. Portugal só tinha duas (Gil Eanes e Pedro Nunes), apesar do apresamento dos navios alemães, que foram colocados na esfera do controlo britânico, comprometendo-se o RU a suprir as necessidades. Até outubro, os homens do CEP foram canalizados para a frente, mas a indispensável leva de soldados para garantia da substituição regular das tropas acabou por não ocorrer nos meses subsequentes. O RU argumentou, então, a urgência de apoio à canalização de forças americanas para a Europa. Ou seja, a verve republicana de subordinar a política interna à guerra ia sendo deliberadamente fechada pela fleumática paciência britânica, enquanto a ausência do designado *roulement* fez dos militares expedicionários joguetes da política governamental.

Na Flandres os constrangimentos avolumaram-se. Chegados ao teatro europeu e à zona de guerra, os soldados foram confrontados com uma realidade diferente da esperada. O CEP, de comando português (general Fernando Tamagnini) e enquadrado no I Exército Britânico (general Horne), treinou em escolas britânicas (instrução, tiro, observadores, combate de baioneta, educação física), tirocinou nas trincheiras com os efetivos britânicos e alimentou-se com as «iguarias» do aliado (compotas, bolachas e chá, em vez do pão, couves, fumeiro e vinho). Se na frente a tipologia de conflito atemorizava, feita de estagnação insalubre nos abrigos, constantes trabalhos de fortificação, proteção dos recorrentes bombardeamentos e efetivação de raids diários de rara perigosidade, na retaguarda nada de novo.

Os militares projetados para a França entre fevereiro e novembro de 1917, por lá ficaram, quase sem substituição de efetivos a partir de Lisboa, rendição em tempo útil das forças posicionadas na linha da frente e com os oficiais a não regressarem de licenças concedidas na retaguarda. Psicologicamente abatidos e fisicamente exaustos, os soldados sentiram-se em estado de abandono, surgindo as doenças e o prostramento, as insubordinações e a inação. Entretanto, em Lisboa os atritos políticos e as desavenças militares faziam o seu caminho quotidiano, que resultaram no golpe de Estado de Sidónio Pais, que em 7 de dezembro de 1917 assume o poder. Sidónio tentou diplomaticamente desbloquear junto do aliado britânico os mal-entendidos em África e a situação de impasse na Flandres; sem efeito. A fatura da insolência política e incoerência militar portuguesa arrufada nos anos anteriores pagava-se.



Corpo Expedicionário Português, a duas Divisões, na Flandres. Esquema adaptado por Abílio Lousada de *História do Exército Português (1910-1945)*, III Volume, 1994.

Em finais de 1917, a situação operacional do CEP era de contínua degradação, tendo pouco mais de metade dos efetivos aptos a cumprir missões de combate. Não obstante, estava formalmente constituído em 1.ª e 2.ª Divisões, comandadas pelos generais Gomes da Costa e Simas Machado, respetivamente, e responsável pelo setor Neuve Chapelle-Ferme du Bois / Fauquissart-Chapigny, num total de 14 km. Cada divisão, a duas brigadas, tem dois subsetores à responsabilidade, estando uma quinta brigada de reserva do corpo de exercício. Mas já então se tornava evidente a incapacidade de defesa do setor atribuído. Até porque, em finais de fevereiro, Simas Machado vai de licença para Lisboa e não regressa, assumindo Gomes da Costa o comando das duas Divisões – a 2.ª de forma interina. A situação periclitante em termos de comando e controlo agudiza-se a 4 de abril, quando irrompem motins coletivos na 2.ª Brigada/1.ª Divisão (Batalhões de Infantaria 7 de Leiria, 23 de Coimbra e 24 de Aveiro). A recusa dessas unidades em ocupar as linhas de defesa avançadas no subsetor de Ferme du Bois acelera, dois dias depois, o acordo governamental anglo-português a entregar o setor a uma só Divisão. Assim, a 1.ª Divisão retira para a retaguarda e a 2.ª Divisão, comandada por Gomes da Costa, é enquadrada no XI Corpo de Exército britânico do general Richard Haking. A partir de então, na prática o CEP deixou de existir enquanto Corpo de Exército e o general Tamagnini ficou sem comando.

A tradução mais marcante desta equação foi o dia 9 de abril de 1918, que resultou num exorbitante número de perdas superior a 7.000, entre mortos, desaparecidos e prisioneiros (estes a esmagadora maioria), além de um avultado número de feridos.

Sobre La Lys e o desempenho da 2.^a Divisão as versões, ontem como hoje, são díspares: i) para o comando inglês, a reduzida resistência e a sua rápida entrada em colapso quebrou a frente aliada e facilitou a progressão alemã; ii) o alto comando das tropas do Kaiser assentou que a oposição foi superior ao esperado e que o objetivo do dia (ultrapassar o rio Lys) não foi alcançado; iii) do lado português, argumentou-se com a 40.^a Divisão Britânica, que opôs reduzida resistência e retirou antes de tempo, facilitando o envolvimento dos efetivos portugueses; iv) internamente, La Lys ampliou a tensão entre a classe política e o corpo de oficiais, com aquela a incriminar este pelo fraco desempenho e estes a culparem os políticos pelas humilhações sofridas; v) externamente, desencadeou um diferendo diplomático entre Portugal e o RU, com Lisboa a acusar o aliado de ter empurrado a 2.^a Divisão para uma desprotegida zona de morte e Londres a apontar o dedo ao sofrível desempenho nas trincheiras por parte dos combatentes portugueses.

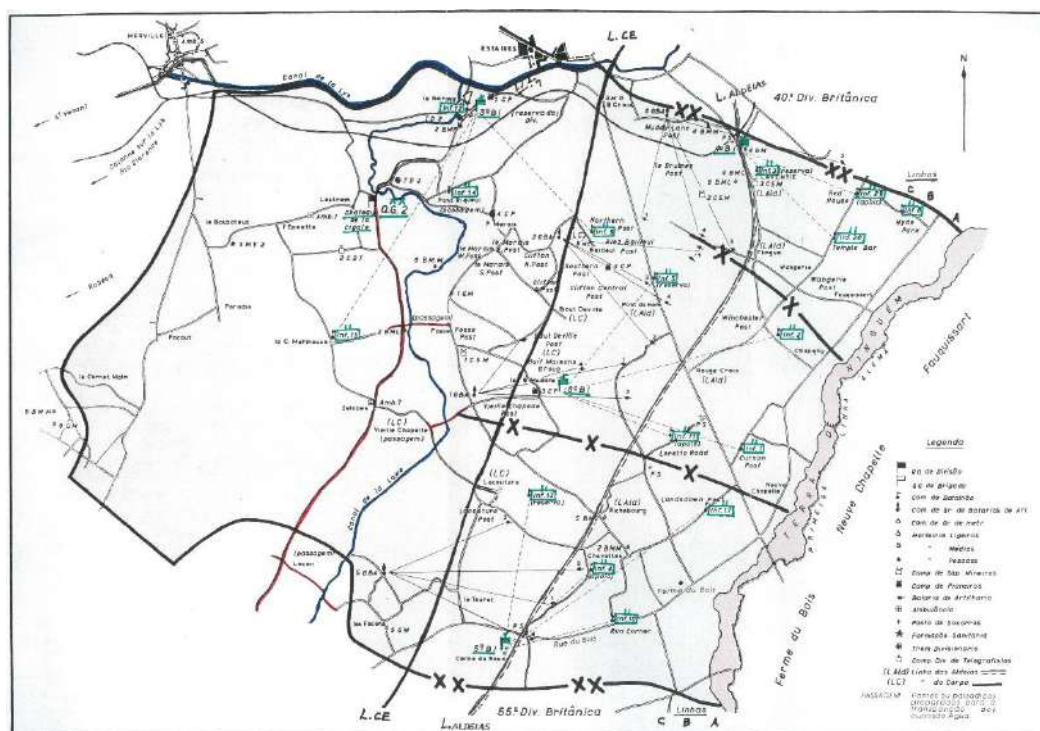
Mas a palavra maldita mais vezes dita ou escrita é ... desastre. É nesse sentido que se lhe referem, entre políticos, escritores ou jornalistas, atores/autores como os generais Fernando Tamagnini, comandante do CEP, e Gomes da Costa, comandante da 2.^a Divisão, e o major Vasco de Carvalho, adjunto para as Informações do Estado-Maior da 2.^a Divisão. Tamagnini referiu que “*à Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra foi comunicada a notícia do desastre em telegrama de 10 de Abril de 1918*”, Gomes da Costa aponta o Governo português “*(...) chamando-me pouco depois a Lisboa, deu vulto à suposição de que a causa do desastre fora a acção frouxa da 2.^a Divisão Portuguesa*”, enquanto Vasco de Carvalho refere “*com ela [2.^a Divisão] vivemos a tragédia dolorosa de 9 de Abril (...)*”.

2. A BATALHA DA 2.^a DIVISÃO PORTUGUESA

De súbito, os alemães bombardeiam o setor português com especial intensidade e precisão cirúrgica, seguindo-se um ataque deliberado feito por reiteração de esforços, destinado a romper a frente e a penetrar no interior do dispositivo. Apanhados de surpresa, o 9 de abril de 1918 tornou-se um dia de inferno para as tropas portuguesas que combateram em La Lys. O «filme» dos combates está profusamente documentado nos relatórios das diversas unidades e em testemunhos posteriores dados à estampa pelos protagonistas, não se prestando a grandes extrapolações no que aos factos diz respeito. E são esses factos do conhecimento geral que nós resumimos enquanto ponto de partida para análises subsequentes.

Dispositivo de Forças da 2.^a Divisão

A 9 de abril, a 2.^a Divisão (general Gomes da Costa) estava inserida, conforme referido, no XI CE Britânico (general Haking) e guarnecia um setor em profundidade em forma de trapézio, com cerca de 11 km de frente e 6 km de profundidade.



Esquema adaptado por Abílio Lousada de *História do Exército Português (1910-1945)*, III Volume, 1994.

Os limites da Área de Operações compreendiam: **i)** à frente, a Terra de Ninguém, separador das forças inimigas, entre Shteland Road e New Bond Street; **ii)** à retaguarda, o canal do Lawe, com o quartel-general em Lestrem, atrás do qual estavam a 50.^a e 51.^a Divisões Britânicas, pertencentes ao XV e XI Corpos de Exército, respetivamente; **iii)** à esquerda o rio Lys e a 40.^a Divisão Britânica; **iv)** à direita, o Canal de Bassée e a 55.^a Divisão Britânica.

A 2.^a Divisão era constituída por três brigadas de infantaria nas linhas avançadas e uma em reserva na linha do Corpo de Exército. Compreendia ainda cinco Grupos de Metralhadoras Pesadas, quatro Grupos de Baterias de Artilharia, uma Bateria de Morteiros Pesados, quatro Baterias de Morteiros Médios, três Baterias de Morteiros Ligeiros, três Companhias de Sapadores Mineiros e um Grupo de Companhias de Pioneiros, além de formações de Telegrafia, Sanitárias, Veterinárias e Administrativas. No total, a 2.^a Divisão contabilizava um efectivo a rondar os 650 oficiais (número volátil, como o foi a presença de oficiais na zona de combate) e cerca de 20.000 sargentos e praças.

O Setor estava dividido em três subsetores, cada um à responsabilidade de uma brigada de infantaria: **i)** 4.^a Brigada no Subsetor Norte (Fauquissart); **ii)** 6.^a Brigada no Subsetor Centro (Neuve Chapelle); **iii)** 5.^a Brigada no Subsetor Sul (Ferme du Bois). Em reserva estava a 3.^a Brigada (La Gorgue). Cada brigada, constituída por quatro batalhões de infantaria, posicionou dois Batalhões e uma Bateria de Morteiros Ligeiros em 1.^o escalão (Linha A e B), um Batalhão em apoio (Linha C) e outro em reserva (Linha das Aldeias). Importa dizer que a unidade tática básica eram os pelotões de infantaria, dispostos em linha e obrigados a manter a posição do setor definido, guarnecido com o armamento fundamental da guerra de trincheiras – espingarda e baioneta, metralhadora ligeira Lewis e granadas de espingarda e de mão. Relativamente ao apoio de fogos, na Linha das Aldeias em apoio direto de cada uma das três Brigadas posicionavam-se três Baterias de Morteiros Médios (18 bocas de fogo), a Bateria de Morteiros Pesados (4 bocas de fogo) e, entre esta Linha e a da Corpo, quatro Grupos de Metralhadoras Pesadas (48 armas). Era também na Linha das Aldeias que o grosso dos Sapadores Mineiros atuava. A Artilharia estava instalada ao longo da Linha do Corpo, com um Grupo a Norte, dois ao Centro e o quarto a Sul, dispondo no total 61 bocas de fogo de tiro tenso e 12 de tiro curvo. Na área da retaguarda identificava-se uma Bateria de Morteiros Médios e um Grupo de Metralhadoras Pesadas.

Ofensiva Germânica

Pouco passava das 4:00h do dia 9 de abril quando um intenso bombardeamento de artilharia com granadas explosivas, gás fosfogénio e mostarda, coordenado pelo coronel Georg Bruchmüller, caiu nas linhas anglo-portuguesas. Assim continuou durante quatro horas; ao contrário dos anteriores fogos de flagelação, este era de preparação do campo de batalha e foi cirurgicamente executado. Faseando os fogos e batendo alvos das mais longas para as mais curtas distâncias, os alemães fizeram uma destruição metódica através do emprego de 100 bocas de fogo por km², incidindo sobre os quartéis-generais dos corpos de exército, divisões, brigadas, comando dos batalhões, posições da artilharia e itinerários. Ao início da manhã, a linha avançada, onde se posicionavam as companhias de infantaria, foi duramente batida, as estradas à retaguarda devastadas e as ligações/comunicações telefónicas e telegráficas cortadas.

O ataque da infantaria alemã iniciou-se cerca das 08:00h, oculto pelo denso nevoeiro existente, que impedia um raio de visão além dos 30/50 metros. Feita em vagas sucessivas, numa frente de 20 km (ponto de rutura), as unidades avançavam de baioneta calada e apoiadas

pelo fogo das metralhadoras, à medida que os fogos de artilharia e de morteiros efetuavam a designada barragem rolante, impedindo a reorganização e resistência do oponente.

Estando também na zona de ação do esforço da ofensiva alemã, as 40.^a e 55.^a Divisões Britânicas foram atacadas em toda a frente, com especial incidência nos flancos que as ligava à 2.^a Divisão Portuguesa.

Incidências dos combates no Setor da 2.^a Divisão

Para melhor compreensão, vamos acompanhar as ações de combate no setor português de forma parcelar e por subsetores, tendo presente que a ofensiva germânica foi materializada ao longo de toda a frente (20 km), destinada a varrer as três divisões que se lhe opunham.

Ao Centro, no subsetor de Neuve Chapelle (6.^a Brigada), os Batalhões de Infantaria 1 e 2 (Lisboa), em 1.^o escalão, quase não tiveram tempo de esboçar qualquer resistência, de tal forma que pelas 09:00h as linhas A e B estavam arrasadas, muitos dos seus homens soterrados e as guarnições fora de combate. As dificuldades de retirada eram também evidentes e a maioria dos contingentes foi feita prisioneira, incluindo o comandante da Brigada, o comandante de Batalhão e dois de Companhia de Infantaria 1. Relativamente ao Batalhão de Infantaria 11 (Évora), em apoio, as 1.^a e 2.^a Companhias imolaram-se no combate e as restantes, sem munições, retiraram entre as 11:00h-11:30h. Quanto ao Batalhão de Infantaria 5 (Lisboa), em reserva, recebeu ordens para reforçar a frente com duas companhias e o Batalhão de Infantaria 11 com outra, ficando a 4.^a Companhia a aguardar ordens. Sem efeito, a 1.^a Companhia avançou e foi travada pelo fogo inimigo, perdendo 40 homens e o comandante, enquanto as restantes, incapazes de aguentar a barragem de artilharia alemã, retiraram para Estaires.

A Sul, no subsetor de Ferme du Bois (5.^a Brigada), os Batalhões de Infantaria 10 (Bragança) e 17 (Beja), em 1.^o escalão, e 4 (Faro), em apoio, são atacados com especial ferocidade a partir das 8:00h, o mesmo acontecendo à 165.^a Brigada Britânica (flanco esquerdo da 55.^a Divisão). Os combates são encarniçados e há lutas corpo-a-corpo na Linha B, mas cerca das 10:00h os alemães anulam a resistência, envolvem o subsetor pela trincheira inglesa de Shetland e progridem em direcção à Linha das Aldeias. Para trás ficam centenas de prisioneiros e dezenas de mortos e feridos, enquanto os restantes retiram para Le Touret. Trata-se de três Batalhões mártires, de tal maneira que “*nos Batalhões de Infantaria 10 e 4 nem um oficial escapou*” e do 17 simplesmente perdeu-se-lhe o rasto.

Às 11:20h, o inimigo ataca o comando da Brigada e aprisiona os elementos ali presentes, comandante e 2.^o comandante incluídos, e concentra o fogo em Lacouture, reduto

onde o Batalhão de Infantaria 13 (reserva), em conjunto com efectivos do Batalhão de Infantaria 15 de Tomar (reserva da Divisão) e parte do 11.º batalhão de Ciclistas Britânicos, resistiu estoicamente até ao dia seguinte.

A Norte, no subsetor de Fauquissart (4.ª Brigada), ocupado pela brigada do Minho, “*a resistência foi épica*”. Após os primeiros bombardeamentos, a 1.ª e 2.ª Companhias do Batalhão de Infantaria 20 (Guimarães) são dizimadas na Linha A, concentrando-se os efectivos remanescentes na Linha B, onde lutam até às 10:00h. À sua esquerda, o Batalhão de Infantaria 8 (Braga), que tinha três companhias na Linha A e uma em apoio na Linha B, sofre também os efeitos dos fogos alemães, concentrando as subunidades na Linha B, cerca das 08:00h, onde procura resistir apoiado à sua esquerda por um batalhão inglês da 119.ª Brigada/40.ª Divisão.

Por essa altura, já o Batalhão de Infantaria 29 (Braga), em apoio, estava também empenhado em Red House, a que se lhe juntam duas companhias do Batalhão de Infantaria 3 (Viana do Castelo), reserva da Brigada. Com os alemães a tentarem romper, combate-se ferozmente, retirando as forças portuguesas, sempre debaixo de fogo, para Laventie, onde se reorganiza uma nova linha de defesa. Entretanto, as unidades da 40.ª Divisão Britânica, que faziam a junção com as portuguesas, com dificuldades em resistir à vaga de assaltos da Infantaria Alemã, recuam para a Linha das Aldeias, possibilitando o envolvimento da Brigada do Minho, que é atacada pela retaguarda e definitivamente derrotada ao fim da manhã. Entre mortos e feridos, as baixas da 4.ª Brigada do Minho superam o conjunto de todas as restantes da 2.ª Divisão.

Esta é, em traços gerais, a batalha de La Lys vista de forma unilateral e num contexto restritivo, uma sucessão de ocorrências milimétricas em que num espaço curto de 24 horas aconteceu de tudo um pouco: **i)** resistências épicas, combates encarniçados e lutas corpo-a-corpo, enquanto determinação em travar o avanço inimigo a partir de redutos, fosse de espingarda em punho e baioneta calada ou no manuseio de metralhadoras; **ii)** demissão de verter o sangue e inação em resistir ao inimigo; **iii)** retiradas ordenadas e fugas atemorizadas; **iv)** esgotamentos de munições, de fragor físico e psicológico; **v)** falta de apoio das reservas divisionárias.

Trata-se de uma imagem demasiado redutora e circunscrita, que dá a ideia, errada, que a 2.ª Divisão Portuguesa e as suas unidades de infantaria combatia sozinha e estava entregue a si própria, as forças britânicas quase não existiam, a não ser para usarem as portuguesas como «carne para canhão», e os alemães são apresentados como meros plastrons que justificam o designado desastre.

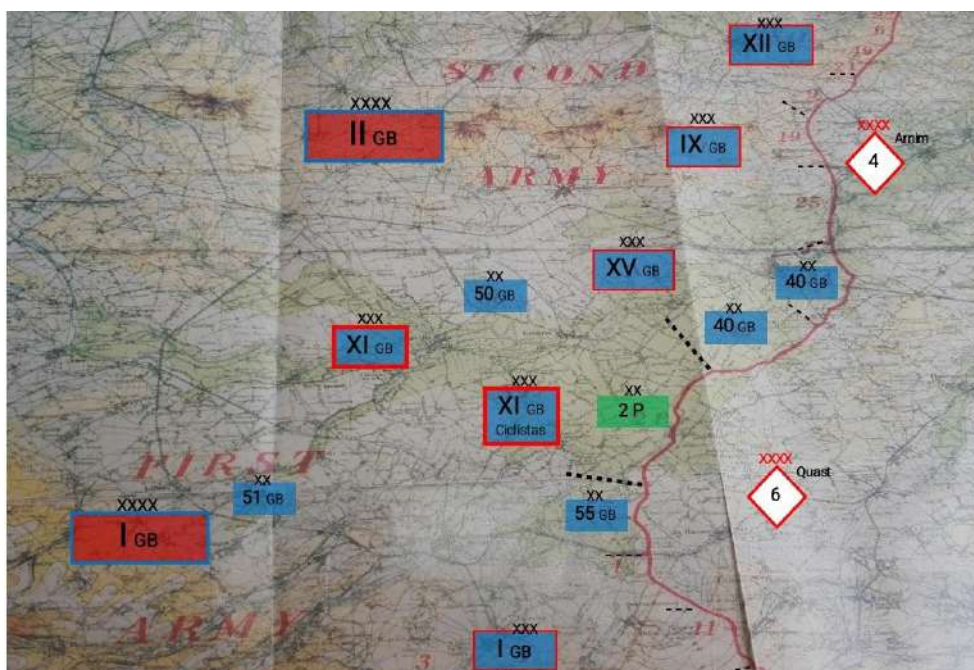
3. ANÁLISE OPERACIONAL DE TEATRO

A resistência nas trincheiras em La Lys foi adequada e aceitável face às circunstâncias? Menor desempenho militar era impossível? O empenho das forças foi além do humanamente previsível?

Passemos à análise operacional de Teatro relativamente aos factos ocorridos, visualizando no seu todo a missão e o esquema defensivo do Corpo Expedicionário Britânico (BEF), com especial destaque para o I Exército e o XI Corpo de Exército, onde se inseria a 2.^a Divisão.

Dispositivo das Forças Anglo-Portuguesas

As trincheiras dos Aliados na frente ocidental, numa extensão perto dos 1.000 km, partiam do mar do Norte, cortavam a fronteira belga perto de Neuve Eglise, avançavam pela Flandres Francesa por Bailleul e a floresta de Nieppe e percorriam o território francês na direção Sudeste, em paralelo às alemãs e com a sua fronteira «em linha de vista», estendendo-se até à Suíça-Lorena. A frente britânica (250 km) ia de Dixmude, a Norte, prolongada até à Mancha pelo Exército belga, até ao Oise, a Sul, onde confluía com as unidades francesas, e era guardada por cinco exércitos sob o comando do general Douglas Haig.



Dispositivo Defensivo do Corpo Expedicionário Britânico. Esquema Adaptado por Abílio Lousada de *História do Exército Português (1910-1945)*, III Volume, 1994.

A partir da segunda semana de abril de 1918, o Alto Comando Aliado previa uma segunda grande ofensiva alemã, depois do fracasso da operação *Michael*, lançada a 21 de março no Somme, contra as forças aliadas. Direcionada para a junção das forças anglo-

francesas, para as separar e bater por partes, a *Michael* exerceu o esforço no V Exército britânico, a Sul de Arras, de forma a empurrar os britânicos para o mar e forçar depois o Exército francês a culminar. Os alemães lograram penetrar profundamente no sistema defensivo aliado, ao longo de uma frente de 80 km, sendo definitivamente detidos em Amiens, a 5 de abril. Mas a possibilidade de uma nova ofensiva existia e se a de março foi ao centro (a sul do setor português), era previsível que esta fosse desferida mais a Norte, na linha de defesa britânica.

Para o efeito, reorganizou o dispositivo e completaram-se unidades. Às divisões competia uma defesa avançada e em linha, enquanto a disposição no terreno dos corpos de exército garantia profundidade ao dispositivo e capacidade de contra-atacar. O 2.º Exército britânico, a Norte (moldagem), opunha-se ao 4.º Exército alemão de von Arnim (ataque secundário), e o 1.º Exército, a Sul (esforço), defrontava o 6.º Exército alemão de von Quast (ataque principal). O plano de defesa do I Exército definia que a 1.ª Linha de Defesa (linha A, trincheira de apoio ou linha B e trincheira de reserva) era responsabilidade das divisões. A 2.ª Linha de Defesa (linha das aldeias, situada cerca de 2-3 km à retaguarda, e linha do Corpo de Exército, a 3 km desta), competia aos corpos de exército. A Zona da Retaguarda ou 3.º Linha de Defesa constituía missão do I Exército.

Constituído por seis corpos de exército, do I Exército (general Horn) fazia parte o XI Corpo de Exército (general Haking), a que se subordinava taticamente a 2.ª Divisão Portuguesa. Estendido entre os canais de Merville-Estaires e La Bassée, o XI Corpo de Exército ligava-se a Norte ao XV Corpo de Exército (general Du Cane) e, a Sul, ao I Corpo de Exército. À retaguarda, a defesa na Linha de Corpo, no espaço enquadrante da 2.ª Divisão Portuguesa, estava à responsabilidade a Norte, da 50.ª Divisão (XV Corpo de Exército), ao Centro da 51.ª Divisão (XI Corpo de Exército) e a Sul da 3.ª Divisão (I Corpo de Exército); unidades que tinham estado empenhadas, recentemente, na *Operação Michael*.

Na 1.ª Linha de Defesa, a 2.ª Divisão Portuguesa defendia um setor com 11 km de frente, fazendo ligação à 40.ª Divisão/XV Corpo de Exército, a Norte, e à 55.ª Divisão/XI Corpo de Exército, a Sul. Assim, constata-se que a Divisão Portuguesa constituía o flanco defensivo esquerdo do XI Corpo de Exército e estava enquadrada por duas divisões de corpos de exército diferentes!

A 40.ª Divisão Britânica (general Ponsonby) era constituída por nove Batalhões de Infantaria e defendia 4 km de frente. Depois de ter tomado parte na batalha do Somme (março de 1918), apresentava-se muito desgastada, os complementos foram deficientes, o quadro orgânico estava incompleto (tinha poucos oficiais) e as fortificações eram de construção

precária. Para se ficar com uma ideia, esta Divisão teve 4.492 baixas – 221 mortos, 1251 feridos e 3030 desaparecidos. Quanto à 55.^a Divisão Britânica (general Jeudwine), também com nove batalhões de infantaria e com idêntica frente de 4 km, tinha beneficiado de dois meses de descanso e entrou em setor em início de fevereiro, apresentando também um considerável registo de baixas até 9 de abril – 609 mortos, 2.272 feridos e 1.50 desaparecidos.

À retaguarda das três divisões (2.^a, 55.^a e 40.^a), em 2.^o escalão e na Linha do Corpo, estavam as já referidas 50.^a e 51.^a Divisões, que também tinham estado empenhadas, recentemente, na *Operação Michael*.

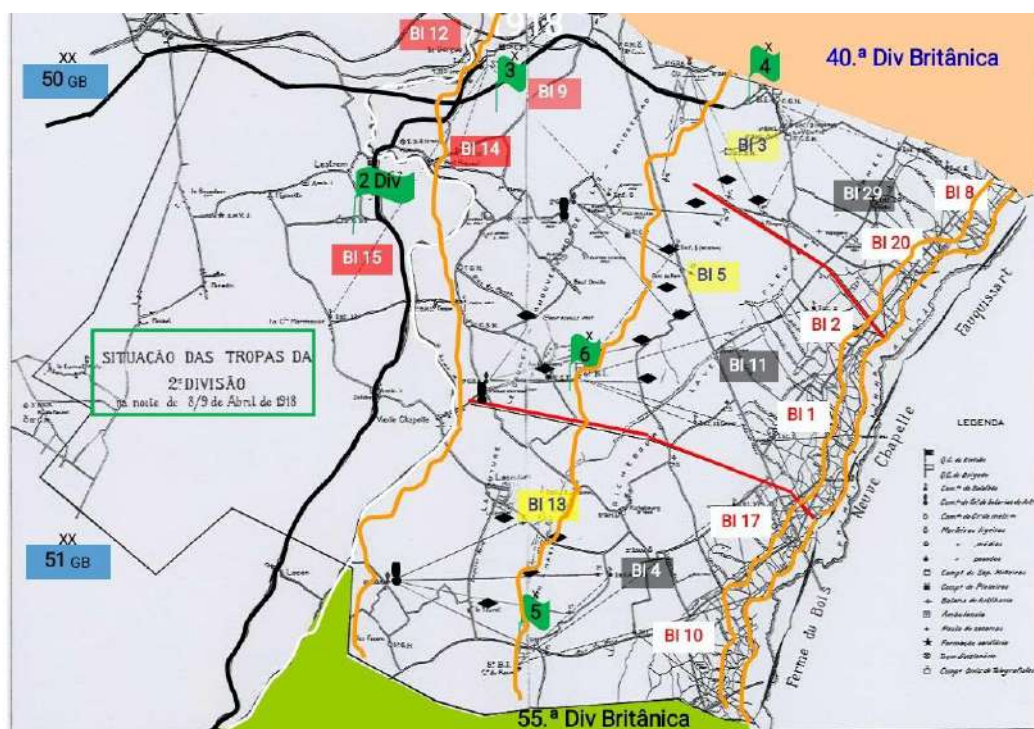
Portanto, enquadrada por duas divisões britânicas, destinadas a impedir o envolvimento das posições, a 2.^a Divisão tinha por missão defender uma frente de 11 km, que era superior ao total das duas britânicas, agora dividida em três subsectores (Fauquissart-Neuve Chapelle-Ferme du Bois), com três brigadas (doze batalhões de infantaria) na 1.^a Linha, e uma brigada de reserva.

A três divisões receberam ordens para resistir até ao último homem e morrer, se necessário, na 1.^a Linha de defesa (Linha B).

A 1.^a Linha de Defesa, entre New Bond Street e Sheland Road, era responsabilidade da 2.^a Divisão: i) a Linha A era uma trincheira de combate contínua com postos intercalados de guarnição mista de metralhadoras ligeiras e granadeiros, protegida à frente por arame farpado. Situada entre 100-400 metros das linhas inimigas, tinha a função de vigilância da sua atividade e de lançamento de raids pela terra ninguém, sendo guarnecida por efetivos de pelotão, armado com espingarda Lee-Enfield, baioneta, granadas de mão e metralhadora ligeira Lewis; ii) a Linha B, contínua e distante 300 a 800 metros da A, era a principal linha de resistência da Divisão, dispondo de abrigos, depósitos de munições plataformas para morteiros pesados e instalação de metralhadoras pesadas. Guarnecida pelas companhias de infantaria, devia sustentá-la até à movimentação da reserva divisionária e até que as unidades do XI Corpo de Exército guarnecessem a Linha das Aldeias. Era responsabilidade dos batalhões de infantaria a reparação das trincheiras, auxiliados pelas companhias de sapadores sempre que necessário, iii) a Linha C, 500 a 800 metros atrás da anterior, onde se conservavam víveres, água e munições, destinava-se a receber as tropas que fossem batidas pelo fogo nas duas linhas mais avançadas, defendendo o setor até ao lançamento de contra-ataques.

As três linhas ligavam-se através de trincheiras de comunicação traçadas em ziguezague, capazes de dificultar a referenciação pela vista e pelos fogos e permitir a movimentação desenfreada entre abrigos e linhas. Por norma, o comando dos batalhões estava

instalado na retaguarda da Linha C, enquanto os de brigada ficavam na Linha das Aldeias. Estas três linhas cobriam uma faixa de terreno de 1500-1800 metros, cabendo às três brigadas em 1.º escalão a sua defesa e à brigada de reserva o reforço da frente ou o lançamento de contra-ataques. Ao nível dos batalhões de infantaria em 1.º escalão, em cada um dos três subsectores estavam dois batalhões empenhados, um em apoio e o quarto era a reserva de brigada. Relativamente às companhias de infantaria (4 a 5 por batalhão), instalaram-se duas/três à frente (Linha A) e as restantes em segundo escalão (Linha B). As da Linha A canalizaram os pelotões para a ocupação dos postos/abrigos defensivos junto à terra de ninguém.



Dispositivo e enquadramento da 2.ª Divisão Portuguesa a 8-9 de Abril de 1918. Esquema adaptado por Abílio Lousada de *História do Exército Português (1910-1945)*, III Volume, 1994.

Olhando para o sistema defensivo da Divisão Portuguesa, fica a ideia que defendia o setor em profundidade através das brigadas, enquanto os batalhões faziam uma defesa avançada, cabendo aos batalhões em reserva reforçar a frente e/ou o lançamento de contra-ataques. Trata-se de uma ilusão, que continua com a reserva divisionária que, na prática, não estava ao dispor do comandante para poder influenciar o combate. O general Gomes da Costa alertou superiormente para os problemas existentes: i) a frente a defender era demasiado extensa, o terreno, plano e seco, era dominado pela linha de alturas da base de ataque germânica, que tinha bons campos de tiro e de observação. Em concreto, reportava a crista de

Aubers-Fromelles (40 metros de altura) e o bosque de Briez, a quem os soldados chamavam «bosque misterioso»; **ii**) a 2.^a Divisão tinha 413 oficiais em falta e um déficit de sargentos e praças superior a 6.000, enquanto nas brigadas que guarneciam os subsectores se contabilizavam 295 oficiais e 9.028 praças (faltas de 209 e 4.448, respectivamente); **iii**) a brigada de reserva, que só tinha 89 oficiais e 3 590 praças, tinha a missão impraticável de guarnecer 21 postos da Linha das Aldeias, reforçar a frente e efetuar contra-ataques, a que acresce o fato de dois Batalhões de Infantaria terem sido canalizados para o XI Corpo de Exército; **iv**) as brigadas eram comandadas por coronéis e os batalhões por maiores ou capitães, que tinham entre 13 e 19 oficiais (37 em quadro orgânico) e uma média de 650 praças (1.083 em quadro orgânico), situação que se repercutia nas companhias, desfalcadas e muitas comandadas por alferes milicianos; **v**) a divisão não tinha mais de 4.800 espingardas disponíveis (menos de metade), faltavam metralhadoras pesadas e morteiros e as munições escasseavam; **vi**) todas as unidades estavam na zona de tiro eficaz da artilharia alemã.

Na prática, o dispositivo de defesa da 2.^a Divisão era em linha e assente em postos avançados, representando uma defesa de setor sem acautelar a possibilidade de um ataque frontal por parte do inimigo. Assim, como intuiu o general comandante da 2.^a Divisão, o *“defeito fundamental do plano de defesa está no guarnecimento da 1.^a Linha de Defesa, com forças demasiadas para simples observação e vigilância, e, contudo, deficientes para repelir um ataque de importância”*, sendo reduzidas as capacidades de reforçar, quando necessário, e nula a possibilidade de desencadear contra-ataques, se exigido.

Foi neste contexto que o Alto Comando Britânico definiu, então, o setor português como um risco tático e assumiu definitivamente a possibilidade de uma imediata ofensiva alemã, iniciando então a adequação do dispositivo. Através da Ordem de Rendição N.º 328, anunciou a retirada da Divisão Portuguesa do setor para a noite de 9-10 de abril (com exceção da Artilharia e Morteiros), para a área de Desvres-Samer, onde ficava como reserva do I Exército. A sua substituição seria feita pela 50.^a Divisão britânica, reforçada pela 166.^a Brigada da 55.^a Divisão, unidades então pertencentes ao XV Corpo de Exército. Preconizou também a transferência do XV Corpo de Exército para o II Exército. Paralelamente, as reservas móveis do XI Corpo de Exército (11.º Batalhão de Ciclistas e a unidade montada King's Edward Horses) ficaram em estado de alerta para reforçar, à ordem, a defesa das unidades de reserva das Brigadas Portuguesas no subsector Centro e Sul, devendo iniciar reconhecimentos. Em caso de retirada todas as pontes sobre o Lawe e o Lys estavam preparadas para serem demolidas.

À confusão instalada no lado Aliado entre 6-9 de Abril, correspondia uma aparente serenidade no lado inimigo; calma a mais, que levou o general Haking a temer que os alemães atacassem quando a Divisão Portuguesa preparasse a retirada e as Britânicas se movimentassem para as áreas definidas. Assim aconteceu. No meio termo da ansiedade dos militares em serem rendidos, no deslocamento de unidades e reconhecimentos de novas posições não concretizados, os exércitos alemães desencadearam a ofensiva.

Operação Georgette – O 6.º Exército

Efetivamente, enquanto os Aliados definiam o dispositivo não assumiram a perigosa possibilidade de Ludendorff decidir uma segunda ofensiva imediatamente após o insucesso da primeira.



Operação Georgette – Objectivos. Fonte: *La Lys 1918. Soldados Desconhecidos*, Prefácio, 2001.

Os alemães decidiram atacar a 9 de abril (*operação Georgette*) no setor de La Lys, contra o flanco norte da frente anglo-portuguesa, de modo a dificultar a intervenção francesa e tendo como objetivo a costa do canal por trás de Ypres. Para o efeito, modificaram o dispositivo, camuflaram posições, movimentaram cautelosamente unidades, morteiros, peças de artilharia e munições, repararam estradas, pontões e caminhos, encurtaram a frente e fizeram chegar divisões frescas às bases de ataque, levantando o mínimo de indícios possível. Paralelamente, a área de operações anglo-portuguesa foi observada e estudada em pormenor,

através de aeronaves, observadores avançados, inspeções do terreno e estudo de cartas, permitindo a identificação das posições da artilharia, morteiros e metralhadoras, as áreas de comando das unidades, itinerários mais importantes e trincheiras de ligação relevantes. A 8 de abril, o IV Exército (von Arnim) posicionou-se para Norte, defronte ao II Exército britânico (ataque secundário), e o VI Exército (von Quast) orientou-se para o I Exército britânico (ataque principal).

Sabendo da precária situação militar existente no setor português e da debilidade da junção entre a Divisão Portuguesa e a 40.^a e 55.^a Divisões Britânicas, o comando alemão decidiu exercer o esforço num e noutro lado de Armentière, de modo a varrer, numa primeira fase, as três divisões aliadas ao longo de uma frente de 20 km e, numa segunda fase, continuar a progressão na direção geral de Hazebrouck, ao Centro, Steenvoorde, a Norte, e Bethune, a Sul. A missão foi dada ao 6.º Exército. Com doze divisões e um potencial relativo de combate de 4:1, von Quast orientou três divisões em 1.º escalão (mais uma em 2.º escalão) para cada uma das divisões britânicas (40.^a e 55.^a) e, ao centro, duas Divisões em 1.º escalão (1.^a e 8.^a Divisões Bávaras) e duas em 2.º escalão (42.^a e 16.^a) contra a Divisão Portuguesa. À retaguarda, o VI Exército tinha sete Divisões para reiterar esforços. Ou seja, de imediato 100.000 alemães frescos iriam atacar 20.000 militares portugueses exaustos.

A ofensiva foi materializada através da *Doutrina Hutier*, cujos méritos tinham sido testados com sucesso na frente Oriental contra os russos. Consistia na utilização de pequenas unidades de combate independentes (secção/pelotão), que atuavam por infiltração, permitia dispersão das forças, evitando ser alvo remunerador, garantia a rutura das posições adversárias e reiteração de esforços, destinada a eliminar pontos fortes, cabendo a consolidação do terreno às forças da retaguarda. Enquanto a artilharia pesada fustigava as linhas recuadas aliadas, os grupos progrediam em linha protegidos pelas metralhadoras, que faziam «fogo de mangueira», enquanto a artilharia ligeira avançava no terreno de modo a varrer as principais linhas de comunicações.

9 de Abril Sur-La-Lys – Um Dia de Inferno

A 2.^a Divisão Portuguesa e as duas britânicas receberam ordens para resistir e morrer, se necessário, na 1.^a Linha de defesa (Linha B). O Plano defensivo, com as divisões em linha, preconizava a necessidade de retardar e desgastar o avanço alemão de modo a permitir aos corpos de exército à retaguarda barrar a sua progressão a partir da Linha das Aldeias e ao I Exército decidir o lançamento de contra-ataques.

Estando na zona de ação do esforço da ofensiva alemã, a 40.^a e 55.^a Divisão Britânicas foram atacadas em toda a frente, com especial incidência nos flancos que as ligava à 2.^a Divisão Portuguesa, preconizando um duplo envolvimento seguido de ataque frontal. Por isso, deviam constituir dois flancos defensivos (colchetes), entre a linha de contacto e de defesa previstas à retaguarda. A 40.^a Divisão entrou em contacto com a infantaria alemã cerca das 09:00h, quando esta procurava romper o seu flanco direito de modo a envolver a portuguesa. Uma hora depois, a posição foi ultrapassada e os alemães penetraram 2 km para além dos postos de comando dos batalhões posicionados à frente, sujeitando os Batalhões da 119.^a Brigada a um ataque frontal, que combatiam para evitar o envolvimento do flanco direito. A Divisão acabou por ser repelida e obrigada a retirar para uma nova frente a norte de Fleurbaix. Mais a Sul, a 55.^a Divisão foi sujeita ao mesmo tipo de ação, mas os resultados foram diferentes. A 165.^a Brigada (da esquerda, em ligação com a 5.^a Brigada Portuguesa) cedeu, mas esta Divisão, mais bem apetrechada e folgada, pôde garantir intacta a linha principal de resistência e a solidez defensiva do flanco, entre Festubert e Le Touret. Tratou-se do primeiro insucesso da ofensiva alemã.

Relativamente à 2.^a Divisão Portuguesa, iniciados os bombardeamentos da artilharia alemã e logo que se intuiu que preparavam o campo de batalha para uma ofensiva em larga escala, o general Gomes da Costa, dando seguimento ao plano de defesa, ordenou à 3.^a Brigada em reserva para deslocar os Batalhões para a Linha das Aldeias: Batalhão de Infantaria 12 (Guarda) para Pont du Hem-Le Drumez; Batalhão de Infantaria 9 (Lamego) para Riez Bailleul; Batalhão de Infantaria 14 (Viseu) para Point Riqueul; Batalhão de Infantaria 15 (Tomar) para Croix Marmouse. Mas os contratempos imperaram, os Batalhões e o comando da 3.^a Brigada estavam incomunicáveis, preparavam-se nesse mesmo dia para deixar o setor e, como não tinham feito reconhecimentos prévios da área a ocupar, desconheciam não só os itinerários para lá chegar como as próprias posições a ocupar.

No Batalhão de Infantaria 12, as companhias não conseguiram manter formação de marcha devido aos bombardeamentos e foram barradas antes de atingir as posições, recuando para o ponto de partida. O Batalhão de Infantaria 9 viveu uma situação semelhante, não tendo ocupado posição em Riez Bailleul, concentrando cerca de 100 homens à retaguarda, em Pont Riqueul, enquanto os restantes retiraram em pequenos grupos para La Gougue e depois, à ordem, para Lestrem. Quanto aos Batalhões de Infantaria 14 e 15, aquele ocupou a área definida e ali defendeu a posição, de tal forma que a 1.^a companhia, em conjunto com outra inglesa, combateu os alemães até 10 de abril, enquanto este dispersou as companhias e acabou em Lacouture e Huit Maison (áreas fora da sua responsabilidade), onde combateu e retardou o

inimigo até ao dia seguinte. Do lado britânico, contingentes do 11.º Batalhão de Ciclistas e a unidade montada King's Edward Horses (reservas móveis do XI Corpo de Exército) chegaram-se à Linha das Aldeias, procurando deter, junto dos batalhões portugueses em apoio, o avanço alemão.

Na 1.ª Linha de Defesa a situação era complexa. Os comandantes de brigada tinham dificuldade em dar diretivas aos comandantes de batalhão e estes, em cada subsetor, não só desconheciam a situação dos demais, o que dificultou o apoio mútuo, como se revelaram incapazes de coordenar a ação das companhias. Como de noite não se vê e ao raiar da aurora o nevoeiro restringia o campo de visão, a intensidade e precisão dos bombardeamentos obrigou a medidas padronizadas: (i) as companhias mais avançadas dos respetivos batalhões retiram para a Linha B, deixando núcleos de secção na Linha A, a garantir observação e informação; (ii) os batalhões de apoio chegam-se à Linha C; (iii) os de reserva aguardam ordem para reforçar. Contudo, os batalhões não só vão ser surpreendidos pelo inimigo e, sem tempo de reação, aprisionados, como os que resistem de arma em punho se vão tornar «carne para canhão».

Os pedidos de apoio de fogos à artilharia e morteiros pesados, que estava na dependência direta do comandante da Divisão, eram difíceis de atender, por quatro razões principais: i) desde logo, dificuldades de comunicação pelas razões aduzidas, até porque o quartel-general de Gomes da Costa foi danificado logo no início dos bombardeamentos, obrigando-o a recuar de Lestrem para Calonne; ii) depois os constrangimentos do nevoeiro, que colocava em causa a observação de alvos e a regulação dos fogos; iii) a perigosidade, dadas as circunstâncias, em fazer fogo por cima das tropas amigas, capaz de provocar fratricídio; iv) por fim, importa ter em conta que as posições das baterias da artilharia Portuguesa estavam referenciadas pelos alemães, que as colocaram debaixo de fogo. Na verdade, o desencadeamento de fogos pela Artilharia Portuguesa, situada na Linha do Corpo, foi mais consequente no período da madrugada, em resposta aos bombardeamentos alemães, apesar da escuridão. Com o raiar da aurora, o avanço da Infantaria Alemã, os problemas do nevoeiro e os combates nas linhas a situação ficou complicada. Não por acaso, em alguns subsectores havia batalhões/companhias a gritar alto ao fogo, outras lamentavam-se da sua reduzida intensidade e houve inclusivamente pedidos para que a Artilharia batesse as unidades alemãs que avançavam à retaguarda em direção às linhas. O resultado foi o esgotamento de munições sem resultados práticos e a retirada das guarnições logo que o inimigo atingiu a Linha das Aldeias e depois as atacou, a meio da manhã, procurando inutilizar as peças não transportáveis.

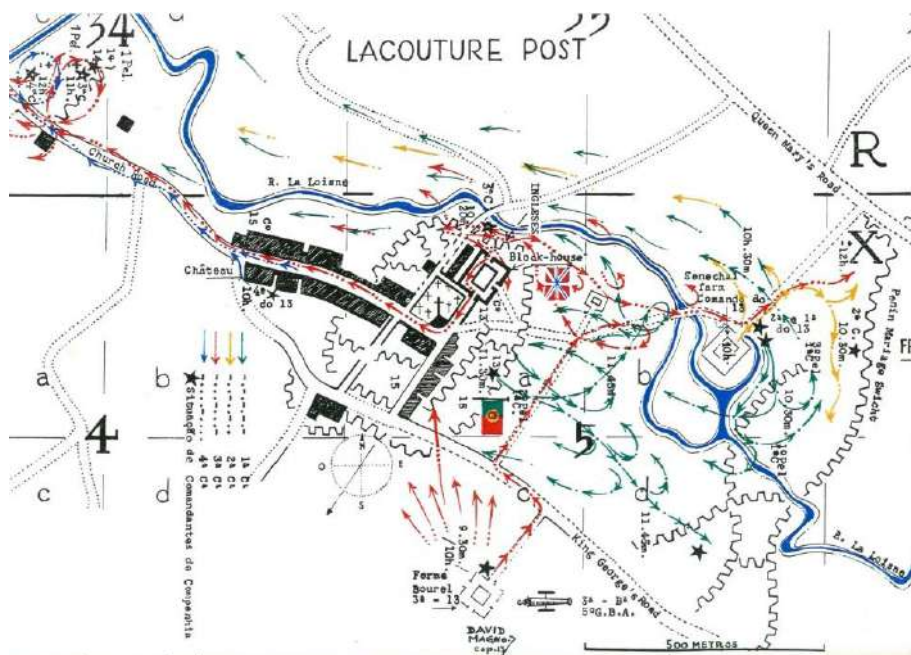
Pelas ações de combate desencadeadas a 9 de abril, merecem particular detalhe os Batalhões de Infantaria 29 e 3 (apoio e reserva da 4.^a Brigada, respetivamente), 13 (reserva da 5.^a Brigada) e 15 (reserva da 2.^a Divisão).

O subsetor de Fauquissart apresentava-se como o mais vulnerável da frente à responsabilidade da Divisão Portuguesa: era defendido pela brigada que há mais tempo estava empenhada na frente, estava muito desfalcada e naturalmente desgastada, fazia ligação com a 40.^a Divisão Britânica, que apresentava o mesmo tipo de problemas, o terreno era lamacento e a solidez dos parapeitos das trincheiras deixava muito a desejar.

Pouco depois das 07:00h, o Batalhão de Infantaria 29, comandado pelo major Xavier da Costa, estava todo empenhado, tendo canalizando pelotões em apoio dos Batalhões de Infantaria 8 e 20. Mas uma hora depois já o inimigo ocupava a Linha B e envolvia estas duas unidades, destruindo o Batalhão de Infantaria 20 e obrigando as forças sobreviventes de ambas a retirar desordenadamente. Em Red House, Xavier da Costa detém e reagrupa os efetivos «transviados» numa quinta (parte de um pelotão do 8, outro do 3 e forças do 29), batendo pelo fogo “*um cardume de alemães*” até ficar sem munições. Esta ação permite que duas companhias incompletas do Batalhão de Infantaria 3 retrocedam para Laventie, às 10:30h, onde se reorganiza a defesa, que resiste até ao final da manhã, retardando um avanço que os alemães pretendiam mais consequente. As baixas do Batalhão de Infantaria 29 e 3 contabilizam cerca de 2/3 do efectivo total e o herói do dia, o major Xavier da Costa, acabou gravemente ferido, ficou quase cego e foi aprisionado.

No subsetor de Ferme du Bois, a defesa na área de Lacouture representa um dos momentos militarmente mais marcantes da Batalha de La Lys. Defesa que retardou o avanço alemão até à manhã do dia 10 de abril e que só «baixou armas» quando as munições acabaram, os alemães, já em progressão no interior do dispositivo aliado em direção ao rio Lys, a cercaram, e ameaçaram bombardear sem contemplanções.

Pelas 07:30h e depois de tomar conhecimento de combates nas linhas avançadas e que o comandante do Batalhão de Infantaria 17 foi feito prisioneiro, o major Gustavo Pissarra, comandante de Infantaria 13, procurou apoiar os batalhões da frente com a 1.^a e 2.^a Companhias, ocupando posições à retaguarda da linha C, em S. Vorst, Quenn Mary’s e King Georg’s. Paralelamente, as restantes companhias são canalizadas para a área de Lacouture. Contudo, Debaixo de fogo intenso, com o inimigo a avançar no terreno e sob nevoeiro cerrado, sucedem-se as ordens e contra-ordens, verificando-se dispersões, desorientações e contradições.



Defesa de Lacouture. Fonte: Regimento de Infantaria N.º 13, Vila Real.

O avanço da 2.^a Companhia dispersou-se e os efectivos da 1.^a enfrentaram abnegadamente os alemães, até que estes cercaram as posições, tornando a situação desesperada. Pelas 15h, irrompem pelas trincheiras e anulam a resistência dos defensores, que foram maioritariamente mortos, feridos ou presos; os que puderam regressaram a Lacouture. Entretanto, os comandantes da 3.^a, 4.^a, 5.^a Companhias, à retaguarda, procuram manter a coesão dos homens e manobram como podem. Efectivos da 4.^a e 5.^a instalam-se junto dos casarios de Lacouture, na fortaleza (Block House) ou nas imediações do cemitério, para onde também confluem contingentes britânicos, enquanto os da 3.^a Companhia surgem em Los Lobes (canal do Lowe). Sempre debaixo de fogo indirecto, a confusão era imensa e a ação de comando ficou cingida à voz dos comandantes de companhia.

Relativamente ao Batalhão de Infantaria 15, reserva divisionária em Coix Marmousse, recebeu ordem de marcha para ocupar os postos na Linha das Aldeias. Sob nevoeiro cerrado e debaixo de intenso fogo de artilharia, seguiu “*com as companhias dispersas e por itinerários não previsto [e não reconhecidos], indo parar a locais não definidos*”. A 1.^a e a 3.^a Companhias surgiram em Le Hamel, onde encontraram forças inglesas, ali se entrincheirando e resistindo até às 11:30h de 11 de abril. A 4.^a companhia apareceu em Huit Maison às 10:30h, reunindo-se a uma companhia do Batalhão de Infantaria 14 e a efectivos britânicos, onde se combateu até ao crepúsculo (aqui se notabilizou o soldado Milhões), enquanto a 2.^a Companhia seguiu para Lacouture, juntando-se a contingentes de Infantaria 13 e a britânicos.

É em Lacouture que se organiza novo foco de resistência, com 100 militares de Infantaria 13 (presentes o major Pissarra e o capitão Bento Roma, comandante e 2.º comandante, respetivamente), 50 militares do 15 (presente o comandante de Batalhão, major Câmara Leme) e 50 militares britânicos, também sob o comando de um major, que cede munições aos aliados – três majores, um capitão e cerca de 200 praças vão vender cara a ofensiva alemã. De bombardeamento em bombardeamento, os alemães avançam e acercam-se da área, onde portugueses e ingleses resistem estoicamente ao longo de todo o dia, agarrados às posições defensivas. Rompem sucessivamente fogo sobre as forças adversárias, infligindo-lhe baixas e obrigando-as a agarrem-se ao terreno. Resistem e cai a noite, numa altura em que *“a fome era muita e o esgotamento grande”*. Na madrugada do dia seguinte, 10 de abril, os alemães bombardeiam Lacouture e às 07:00h lançam sucessivos ataques ao reduto. Quatro horas depois, falhos de munições e de apoio, os defensores rendem-se, sendo feitos prisioneiros.

Paralelamente, o capitão David Magno, comandante da 3.ª Companhia, com 50/60 praças, que inclui alguns de Infantaria 15, combate nas vizinhanças de Lacouture (em Les Lobes) apoiado em efetivos escoceses da 51.ª Divisão, só retirando, à ordem, a 11 de abril, depois de 56 horas de combate e numa altura em que os alemães avançavam para a Linha do XI Corpo de Exército.

O Batalhão de Infantaria 13, entre mortos, desaparecidos e prisioneiros, perdeu catorze dos vinte oficiais e 385 sargentos e praças, metade do efetivo. Relativamente ao Batalhão de Infantaria 15, que combateu com as companhias dispersas em Huit Maison e na área de Lacouture/Les Lobes, contabilizou como perdas doze oficiais (desaparecidos/prisioneiros) e 216 sargentos e praças (mortos, desaparecidos/prisioneiros).

Em síntese, através da resistência na Linha das Aldeias, nomeadamente em redutos que serviram de emulação guerreira (área de Lacouture e Red House/Laventie), onde o avanço alemão foi retardado, cumpriu-se inequivocamente a directiva do Alto Comando Aliado.

No final de 9 de abril, a 40.ª Divisão a Norte foi flanqueada e empurrada para fora de setor, a 55.ª Divisão a Sul aguentou-se e a 2.ª Divisão teve uma ténue resistência nas linhas avançadas, mas pôde obrigar os alemães a empenhar-se entre a Linha C e a das Aldeias, onde se deteve a meio da manhã, instalando uma base de fogos em Pont-Riqueil. Esta resistência das três divisões concedeu tempo para que as divisões em reserva do XI Corpo de Exército se instalassem no canal do Lawe, que os alemães alcançaram ao meio-dia, e no Lys, onde só chegaram à noite, obrigando à concentração do IV com o VI Exército alemães, a 10 de abril; os britânicos são então obrigados a evacuar Armentières. O avanço germânico continua nos

dias seguintes, mas com um ímpeto em decrescendo, face ao desgaste das forças, enquanto Douglas Haig reforça a defesa com tropas frescas vindas da retaguarda. A 15 de abril, os alemães ainda se apoderaram de Merville, Neuf Berquin e das posições que dominavam Bailleul. Mas os avanços são mitigados, até pararem a 29 desse mês, muito longe da pretensão de varrerem os britânicos contra a Mancha e orientaram depois a ofensiva para Paris. Era a segunda grande ofensiva fracassada dos alemães em pouco mais de um mês. A partir daqui, e até setembro, seu destino estava traçado, face ao poder do número dos Aliados, com entrada em setor por tropas americanas frescas.

4. POR QUEM OS SINOS DOBRAM!

Os batalhões em 1.º escalão e de apoio da 2.ª Divisão Portuguesa não barraram os alemães, sujeitando-os a combate, e não morreram na linha B, sobressaindo o número de prisioneiros e retiradas sem critério, com abandono de equipamento e armamento. O mesmo aconteceu, aliás, aos efectivos das divisões britânicas que a enquadravam, sobretudo a 40.ª. Na linha das aldeias, os batalhões de reserva das brigadas cumpriram o seu papel, o mesmo não se podendo dizer dos batalhões de reserva divisionária, que retiraram para Calonne, excepção feitas a algumas companhias dos batalhões de infantaria 14 e 15. Quanto à artilharia e morteiros médios e pesados, além de serem alvos prioritários e remuneradores do inimigo, as condições observação e regulação dos fogos e a baixa dotação de munições, impediram um cumprimento cabal da missão, o mesmo se podendo dizer da ação das metralhadoras pesadas.

Porquê?

- Antes de mais, importa replicar a sucessão de acontecimentos ocorridos nas forças portuguesas nos dias que antecederam La Lys: **i)** vacatura no comando da 2.ª Divisão, após ida do general Simas Machado para Portugal; **ii)** motins ocorridos a 4 de abril em três batalhões da 1.ª Divisão; **iii)** retirada, em consequência, da 1.ª Divisão para a retaguarda, a 6/7 de abril, o «desmantelamento» do Corpo de Exército Português e o consequente fim de comando do general Fernando Tamagnini. O quartel-general do CEP e da 1.ª Divisão, com duas brigadas, estacionam em Ambleteuse, constituindo um depósito de tropas em repouso; **iv)** o comando da 2.ª Divisão é conferido ao general Gomes da Costa, que esteve durante meses à frente dos destinos da 1.ª Divisão; **v)** a 2.ª Divisão Portuguesa assume a defesa de um setor de dimensão exigida para duas divisões; **vi)** Gomes da Costa alerta para a impraticabilidade da missão conferida à 2.ª Divisão e demite-se de responsabilidades caso «as coisas» corram mal; **vii)** a 8 de abril, o comando da 2.ª Divisão e respetivas unidades são

informadas da sua substituição por uma divisão britânica, prevista para 9/10 abril; **viii**) na madrugada de 9 de abril os alemães dão início à ofensiva.

- Do lado britânico, as contradições também imperaram, constituindo o erro mais grave o não acautelar a probabilidade mais perigosa (tida por menos provável) de os alemães desencadearem um novo ataque imediatamente após o fracasso da *Operação Michael*. Só a 8 de abril, quando os indícios percebidos do lado inimigo deram luz à evidência, se procedeu (tardamente) à adequação do dispositivo. Realmente, a 50.^a Divisão, que fazia parte do XI Corpo de Exército e tinha reconhecimentos concretizados na retaguarda da Divisão Portuguesa, foi transferida para o XV Corpo de Exército, sendo substituída pela 51.^a Divisão, que não conhecia o terreno da área onde iria atuar. Como a 166.^a Brigada da 55.^a Divisão foi pensada para reforçar a 50.^a Divisão, que por sua vez substituiria a 2.^a Divisão, foi projetada a 165.^a Brigada para reserva da 55. Divisão, unidade que também estava fora do contexto em termos comando, controlo e terreno. Ao mesmo tempo, a reserva móvel do XI Corpo de Exército (ciclistas e cavalaria) foi movimentada para atuar na área da Linha das aldeias, revelando-se as únicas unidades com conhecimento de facto do terreno e que teriam um desempenho meritório a 9 de abril. Como se não bastasse, foi decidido que o próprio XV Corpo de Exército passaria do I Exército para o II Exército. Escusado será dizer que quando os alemães atacaram não só as diretivas enumeradas não estavam concretizadas, como as unidades ficaram num meio termo entre o dito e o feito.

- O excessivo tempo de permanência na frente dos efetivos portugueses, quando comparado com o dos britânicos, era não só imoral, como suicida, desalentando a exaustão dos militares. Refere Gomes da Costa que entre dezembro de 1917 e abril de 1918 as divisões portuguesas colocadas em setor estiveram em contacto com quatro divisões a Norte (38.^a, 12.^a, 57.^a e 40.^a) e três a Sul (25.^a, 42.^a e 55.^a).

- Atendendo à exagerada rotatividade de comandantes nas unidades de vários escalões nas semanas precedentes, focos de indisciplina ou ausências inexplicáveis (sobretudo de oficiais), a camaradagem e o espírito de corpo entre oficiais, sargentos e praças deixavam muito a desejar, sendo a falta de motivação para combater uma evidência.

- É consensual e evidente que a frente de 11 km do setor devia ser defendida por duas divisões ou, no mínimo por cinco brigadas (uma de reserva), garantindo uma quinta de reserva. O 9 de abril ficou a meio caminho entre a presença em setor do Corpo de Exército português e uma divisão reforçada britânica.

- Não há situação mais perigosa para uma força exausta e desmoralizada do que ser atacada quando está mentalizada que vai ser, finalmente, substituída.

- A organização do terreno das linhas avançadas (A, B e C) era rudimentar e os abrigos estavam deficientemente trabalhadas e precariamente defendidos. Eram poucos os abrigos de cimento que garantissem segurança contra os fogos de artilharia e morteiros, os taludes e parapeitos aptos à proteção contra fogos diretos deixavam muito a desejar, as trincheiras de ligação revelavam-se em alguns pontos alvos remuneradores e as próprias fiadas de arame farpada destinadas a dificultar o avanço inimigo eram insuficientes e deficientes.

- Os bombardeamentos alemães emprestaram sentimentos diferentes às unidades da 2.^a Divisão. Ainda antes das 5:00h da madrugada, o quartel-general da Divisão, em Lestrem, foi atingido e o château de la Cigale do general Gomes da Costa danificado, o mesmo acontecendo em La Gorgue à 3.^a Brigada em reserva, fazendo perceber que o fogo de artilharia prenunciava uma ofensiva. Nas linhas, pelo contrário, intuiu-se que os bombardeamentos eram de retaliação e flagelação, que impunham protecção. Mas, no imediato, uns e outros ficaram sem ligações e entregues ao comando à voz, estafetas e até pombos correio, situação agravada pela noite misturada com um nevoeiro cerrado. A 2.^a Divisão ficou literalmente «às escuras».

- Depois de uma destruição metódica e cirúrgica pelo fogo, que destruiu/desorganizou/inutilizou postos de comando, unidades de infantaria, metralhadoras e morteiros, ligações telefónicas, depósitos e itinerários, a ofensiva alemã, que era para ser célere e conclusiva, exerceu o esforço (rutura do dispositivo anglo-português) com 12 divisões contra três aliadas (proporção de 4:1), ao longo de uma frente de 20 km.

- Os Batalhões da 3.^a Brigada (reserva divisionária), que tinham como missão avançar para os postos defensivos na Linha das Aldeias se e quando os alemães atacassem, como estavam a ultimar preparativos de retirada do setor não só não tinham feito reconhecimentos prévios da área a ocupar, como desconheciam os itinerários para lá chegar e as próprias posições a ocupar. Na verdade, nessa altura havia subunidades a iniciar movimentos para a retaguarda.

- As três Divisões foram deixadas ficar numa certa ignorância quanto às intenções do inimigo, exigindo-se-lhe resistência total para quebra de ímpeto. Como o plano de destruição das pontes do Lawe não foi acionado, ficaram plantadas numa zona de morte e entregues ao seu destino.

- Face à ausência de contactos entre unidades e entre estas e o escalão superior e sem possuir informações quanto às intenções do inimigo, os efetivos das linhas avançadas ficaram entregues às decisões dos comandantes de companhia, as unidades que travaram a batalha de La Lys. Na verdade, um ponto é evidente – a ausência ou deficiência de ação de comando a nível da divisão e de brigada.

Enfim, é comum referir-se que o comando britânico fez deliberadamente do setor português, especificamente nas linhas avançadas, um «matadouro», que a verdadeira batalha para os ingleses começava na Linha das Aldeias e que a derrota tática da Divisão Portuguesa contribuiu para a vitória estratégica dos Aliados. Conforme referido anteriormente, o dispositivo defensivo britânico no Norte de França compreendia uma rede de trincheiras com cerca de 250 km de frente e que o conceito tático consistia numa defesa em profundidade delineada com os corpos de exército, cabendo às divisões posicionadas em 1.^a Linha, junto à terra de ninguém, a defesa avançada. Neste contexto, convém ter presente que a Divisão Portuguesa era uma entre muitas divisões inglesas, escocesas e canadianas. De facto, pela directiva de Comando Aliado, exarada a 8 de abril, a 2.^a Divisão Portuguesa foi colocada numa zona de morte, a par da 40.^o e 55.^o Divisões Britânicas, e obrigada a combater às escuras, falha de comando, controlo e comunicações face a um ataque em que “*os alemães eram aos cardumes*”. Atendendo que os alemães definiram como ponto de rutura do dispositivo britânico a faixa de 20 km correspondente às três divisões, a obrigação de «morrer na Linha B» significava a missão de dificultar a penetração e retardar a progressão inimiga o mais possível, permitindo a movimentação em tempo útil das divisões/corpos de exército à retaguarda, de modo a travar a ofensiva, numa primeira fase, e repeli-la através de contra-ataques, na fase subsequente. A dúvida, a grande dúvida, é se o Alto Comando Britânico não apresentou como ardil esse ventre mole de 20 km ao inimigo, enquanto forma de fixar estrategicamente a ofensiva e de a canalizar para um corredor de morte. A verdade é que se para a 2.^a Divisão Portuguesa o 9 de abril foi o inferno de La Lys, para o BEF os 20 dias de combates (9 a 29 de abril) consumaram a vitória na Batalha de Estaires.

Terminando, era possível às forças portuguesas terem apresentado um desempenho diferente do verificado? Ao Corpo de Exército, uma vez projectado para o Teatro da Flandres, sem dúvida, a quem que exigia organização e enquadramento, disponibilidade e disciplina, comando e espírito combativo. Quanto à 2.^a Divisão, atendendo às condicionantes verificadas a 9 de abril, pior pouco provável; melhor quase impossível, atendendo ao gritante diferencial entre a emulação guerreira de uns quantos e a demissão de verter o sangue pela maioria! No

entanto serve de conforto o que de bom dizem os inimigos, nomeadamente o general Paul von Hindenburg quando refere que “*o assalto dos alemães encontrou os portugueses em posição pouco favorável e o progresso do ataque alemão foi mais favorecido por esse facto, do que por falta de resistência das tropas*”. Até porque muitos dos que retiraram debaixo de fogo das linhas integraram-se em unidades britânicas na retaguarda e continuaram a combater.

Fica a memória dos soldados desconhecidos e o exemplo de militares reconhecidos!

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, General Gomes da, *O Corpo de Exército Português na Grande Guerra. A Batalha do Lys*, Porto, A Renascença Portuguesa, 1920.
- CARVALHO, Major Vasco de, *A 2.ª Divisão Portuguesa na Batalha de La Lys. 9 de Abril de 1918*, Lisboa, Lusitânia Editora, 1924.
- HENRIQUES, Mendo Castro e LEITÃO, António Rosas, *La Lys 1918. Soldados Desconhecidos*, Lisboa, Prefácio, 2001.
- MARQUES, Isabel Pestana, *Memórias do General 1915-1919. Os “Meus Três Comandos” de Fernando Tamagnini*, Lisboa, SACRE/Fundação Mariana Seixas, 2004.
- MARTINS, General Ferreira (Dir), *Portugal na Grande Guerra*, Volume Segundo, Lisboa, Editorial Ática, 1935.
- OLIVEIRA, General Ramires de (Coord), *História do Exército Português (1910-1945)*, III Volume, Lisboa, Estado-Maior do Exército, 1994.
- SANTOS, Major Dorbalino dos (Coord), *Estudo de Pesquisa sobre a Intervenção Portuguesa na 1.ª Guerra Mundial (1914-1918) na Flandres*, Lisboa, Estado-Maior do Exército/Direcção de Documentação e História Militar, 1995.